

Meirelles chega aos relatórios de bancos

Cristiane Perini Lucchesi

De São Paulo

As denúncias contra o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, chegaram aos relatórios dos analistas de bancos internacionais e são apontadas como razão para cautela moderada na compra de títulos da dívida externa brasileira. Mas o impacto é limitado. O caso poderá ser esquecido em breve se não tiver novos desdobramentos, segundo analistas ouvidos pelo **Valor**. A atitude do governo, mostrando claramente a decisão de manter Meirelles, tranquilizou os investidores, que não vêem maiores consequências econômicas ou políticas do caso.

Relatório do CSFB distribuído ontem aos clientes reduz o peso do

Brasil em sua carteira-modelo de títulos de mercados emergentes de 4,40% para 3,78%. Cita como razão o “forte rali” de preços e aperto nos prêmio de risco dos papéis mais negociados da dívida externa brasileira, os C-Bonds, “em um ambiente de crescente barulho político (mais recentemente envolvendo o presidente do Banco Central)”.

Mas, a preocupação com o caso Meirelles é tão pequena que o relatório recomenda a troca do C-Bond por outro título de dívida brasileiro, o Brasil 40, de vencimento em 2040. A redução do Brasil na carteira é de apenas 0,63 ponto percentual. O país continua “overweight”, ou seja, com peso acima da média. Continua como segundo colocado na carteira-mo-

delo do CSFB, só perdendo para a Rússia, que foi mantida com 5% de participação. O México ganhou 0,63 ponto percentual de peso, passando para apenas 0,13%.

Já relatório do HSBC divulgado ontem também cita o caso Meirelles. Para o banco, o “assunto deve continuar a gerar barulho nos próximos dias” com os depoimentos de Meirelles e do presidente do Banco do Brasil, Cássio Casseb, no Senado. O principal temor do não é com o futuro de nenhum dos dois, mas sim que as explicações venham a atrapalhar a votação de assuntos considerados de primeira importância pelos investidores externos, como a lei de falências e o projeto de PPP (Parcerias Público-Privadas). Por isso, avaliam os analistas do HSBC, os novos fluxos

de recursos aos títulos brasileiros deverão ser mais fracos durante esta semana e os mercados brasileiros vão procurar se guiar pelos acontecimentos nos EUA.

No dia 3, ao saber de parte das denúncias contra Meirelles, os analistas da Lehman Brothers já recomendavam cautela com mercados emergentes, em relatório intitulado “Hesitação de Verão nos Mercados Emergentes”. Sem citar o caso do presidente do Banco Central brasileiro, os analistas sugeriam que fossem tomadas precauções até depois da reunião de hoje do Fed, banco central dos EUA, e da divulgação dos índices de inflação ao consumidor (CPI) americana, no dia 17.

Os juros americanos no mercado futuro são determinantes fun-

damentais dos prêmios de risco dos países emergentes, dizem os analistas da Lehman Brothers. Esses juros futuros podem estar baixos demais neste momento, pois o mercado pode estar sub-avaliando a alta nas taxas básicas de juros americanas neste ano, acreditando que em 14 de dezembro o Fed não vai mais subir essas taxas em 0,25 ponto percentual. Se, após a reunião do Fed de hoje, houver qualquer sinalização contrária, os juros futuros americanos podem subir, elevando os prêmios de risco e reduzindo os preços dos títulos dos países emergentes, avaliam os analistas da Lehman Brothers.

Além disso, segundo o relatório, a inflação nos Estados Unidos também é chave para determinar o prêmio de risco dos países emer-

gentes. Se o mercado perceber que “a inflação nos Estados Unidos está acelerando e que a produtividade no país não está conseguindo conter as pressões de preços, uma implicação natural é aumentar os juros futuros esperando um aperto monetário”, dizem os analistas da Lehman Brothers. Neste caso, os títulos dos países emergentes também teriam queda de preços. Os analistas também recomendam, entre outras estratégias, comprar o Brasil 40 e vender o C-Bond.

Na sexta-feira, apesar das denúncias contra Meirelles, o JP Morgan elevou o peso do Brasil em sua carteira-modelo para “marketweight”, dentro da média do mercado, com relação aos “underweight”, abaixo da média do mercado, anteriores.